



EMPRESAS

ANTÓNIO COMPRIDO SECRETÁRIO-GERAL DA APETRO

“Preço alto do petróleo não é uma coisa negativa”

O secretário-geral da Apetro, António Comprido, considera que o preço actual do petróleo tem mais aspectos “positivos do que negativos”. E deixa o recado ao Governo de que o sector precisa de estabilidade.

SARA RIBEIRO

sararibeiro@negocios.pt

O secretário-geral da Associação Portuguesa de Empresas Petrolíferas (Apetro) considera que os actuais preços do petróleo são “razoáveis”. E não antevê descida dos preços a curto prazo. Em entrevista ao Jornal de Negócios apela ainda ao Governo que ajude o sector a ter maior previsibilidade, anunciando as medidas com maior antecedência.

A conferência deste ano da Apetro é dedicada à visão futurista do petróleo em 2050. Teremos combustíveis sem petróleo na altura?

Não. Os combustíveis com petróleo vão continuar a existir. Temos que ter noção que hoje mais do que 95% dos transportes são movidos a combustíveis líquidos derivados do petróleo. É muito difícil que num curto espaço de tempo se consiga alterar completamente todo o sistema de abastecimento sem o risco de haver um colapso. O que vamos assistir nas próximas décadas é à penetração de outras formas energéticas que não os derivados do petróleo na área dos transportes, além do que hoje já existe.

Como é que as empresas portuguesas estão no processo da descarbonização?

É algo que tem vindo a acontecer há muito tempo. Nos caminhos de ferro, por exemplo, tínhamos as locomotivas a vapor que queimavam directamente carvão. Foram sendo substituídas por locomotivas a diesel e depois por electrificação. E, com o

devido respeito, às vezes os políticos pensam que eles é que dizem como é que a sociedade vai evoluir e qual é o futuro. Eu como engenheiro acredito mais que é a tecnologia, o mercado e a vontade das pessoas. A descarbonização é um desígnio de toda a sociedade e para o qual caminhamos. Obviamente que do ponto de vista legislativo e regulamentar é preciso criar condições para que ela se faça da melhor maneira, com menos sobressaltos possíveis.

Os biocombustíveis são uma das soluções para este processo?

As pessoas talvez não se apercebam, mas cerca de 7,5% da energia dos combustíveis usados em Portugal têm origem biológica. E em volume é muito mais do que isso: passa os 10%. Ou seja, por cada litro que usamos, em média, 10% já tem origem biológica.

Mas também é mais caro. Até quando será assim?

Por enquanto sim, é mais caro. Quando o petróleo está muito alto o diferencial entre os biocombustíveis e os derivados do petróleo é relativamente mais pequeno. Quando está baixo, os biocombustíveis não conseguem acompanhar essa descida e agrava-se o fosso do preço. Por isso é que quando as pessoas vêem o preço do petróleo alto como uma coisa negativa costumam dizer que não é. É negativa se atingirem valores que sejam excessivos. Diria que um preço razoável, na casa dos 70 ou 80 dólares por barril como está agora, tem mais aspectos positivos do que negativos.

Como por exemplo?

Primeiro: a economia mundial através dos produtores de petróleo. Vemos o que aconteceu a países como a Venezuela, Angola e até Arábia Saudita com o colapso do preço. Segundo: a questão do diferencial

“Nunca se investiu tão pouco na área petrolífera nos últimos anos por causa da baixa do preço do petróleo.”

“Temos uma relação de diálogo franco com Seguro Sanches. O que não significa estarmos de acordo em relação a todos os assuntos.”

para o preço dos biocombustíveis. As próprias energias renováveis beneficiam-se o preço do petróleo for mais alto porque se tornam mais competitivas. Quando o petróleo está muito barato, o incentivo para procurar outras alternativas é menor porque efectivamente há ali uma fonte de energia barata. [...] E a Agência Internacional de Energia já chamou a atenção de que podemos ter a curto prazo um problema de défice de produção do petróleo relativamente às necessidades mundiais porque nunca se investiu tão pouco na área petrolífera nos últimos anos por causa da baixa do preço do petróleo.

Qual é o ponto de situação do grupo de trabalho criado para investigar o contrabando de combustível?

Já apresentou conclusões, estamos à espera que se tornem públicas. Mas gostaria de esclarecer que quando falamos em contrabando estamos a falar em fraude fiscal, ao não paga-

mento de impostos. E sabemos que a Autoridade Tributária está a avaliar, porque também tem penalizado os cofres do Estado.

Quanto é que pesam as importações ilegais?

Poderá variar entre 2% a 4%.

Ainda sobre os biocombustíveis, a Prio considera que há um certo lobby por parte de algumas empresas para o processo não acelerar. Há?

Não me compete comentar essas declarações. Mas nunca detectámos qualquer tipo de mau-estar interno entre a Prio e as outras associadas. A nossa posição é muito clara: sempre dissemos aos sucessivos governantes que precisamos de saber com antecedência quais são as métricas para cada ano. E, infelizmente, às vezes temos-las sabido quase na véspera do fim do ano, no Orçamento [do Estado]. A previsibilidade para nós é o mais importante, e não tanto

o nível de incorporação [dos biocombustíveis que actualmente está em 7,5%].

Qual seria o prazo ideal?

O ideal era saber, no mínimo, com nove meses de antecedência. Neste momento, ainda estamos sem saber o que vai acontecer em 2019. O secretário de Estado [da Energia] está sensível ao problema e sabe das nossas preocupações. E esperamos que consiga convencer os seus colegas de que é preciso resolver essa indefinição do mercado.

Este secretário de Estado tem ouvido mais o sector?

Não gosto de fazer comparações. Em relação a Jorge Seguro Sanches temos uma relação de diálogo franco, aberto. O que não significa estarmos de acordo em relação a todos os assuntos. Mas significa que ele nos tem deixado à vontade para expressarmos as nossas opiniões e para nos ouvir. ■





Miguel Baltazar

“Prospecção em Aljezur é um risco diminuto”

Para o representante das empresas petrolíferas, Portugal não quer saber dos recursos que tem é “inconcebível”. E sublinha que é necessário criar regras para mitigar os eventuais riscos de acidentes, como derrames. Mas diz que se trata de um “risco diminuto”.

O processo da prospecção de petróleo em Aljezur, pelo consórcio Eni/Galp, está embrulhado em acções judiciais. Acredita que o furo vai avançar?

Correndo o risco de ser impopular para algumas poucas pessoas, mas que efectivamente conseguem ter uma exposição mediática enorme no país que nem pouco mais ou menos corresponde à opinião da população total, sou da opinião que um país como Portugal não quer saber dos recursos que tem é inconcebível. Acho que no mínimo devemos fazer um levantamento de todos os recursos que temos. E quem diz do petróleo diz do lítio e de todas as matérias-primas. Depois, se tivermos petróleo comercialmente explorável seria uma má escolha Portugal não entrar nesse jogo.

O risco ambiental iria compensar?

É um risco que é diminuto, que é calculado e que cada vez é mais bem gerido. É um risco que o país, aí sim, tem que impor regras severas em termos de respeito pelo ambiente para minimizar esses riscos. Agora não há nenhuma actividade que não tenha risco. O maior risco de todos são os riscos da natureza. Andar de avião não é arriscado? Vamos acabar com as viagens de avião porque é arriscado? É falacioso. O que diria é que a exploração de petróleo feita por entidades devidamente credenciadas e qualificadas é um actividade com um risco perfeitamente gerível e aceitável. ■

Em 2019 “há mais factores a apontar para subida de impostos”

O secretário-geral da Apetron não antevê que haja medidas para reduzir a carga fiscal dos combustíveis no Orçamento do Estado (OE) de 2019.

É possível os preços dos combustíveis subirem mais?

É preciso perceber como é constituído o preço: entre 20% a 25% é o preço do crude, entre 50% a 60% é a carga fiscal e depois sobra qualquer coisa na ordem dos 15% para todo o resto (armazenagem, transporte, etc.). No preço do petróleo tudo indica que estamos numa situação altista, em que há esta guerra comercial entre a China e os EUA que cria, no mínimo, ansiedade e

stress nos mercados. Depois também temos de olhar para o grande bolo que é a questão fiscal, e isso não sabemos. É uma questão soberana. A fiscalidade vai-se manter? Agravar? Reduzir? Há um grande movimento para a redução do IVA. A acontecer vai abranger os combustíveis?

Pediram que se abrangesse?

Vejo com dificuldade, num país que continua com uma dívida muito significativa, ter grande capacidade para reduzir impostos indirectos quando ao mesmo tempo também se pedem reduções ao nível do IRS e IRC e aumentos de salários. É pre-

ciso grande imaginação dos titulares das Finanças para conseguirem resolver esta equação. Infelizmente, parece haver mais factores a apontar no sentido da subida, se bem que não muito acentuada, do que da descida.

O que poderia levar a uma descida dos preços?

A alteração da política fiscal.

Como a eliminação do adicional do ISP?

Por exemplo. Além da política fiscal o que poderia levar à descida era o preço do petróleo. E, como expliquei, não há grandes expecta-

tivas. Também não tenho grandes expectativas, mas não estou dentro das discussões do OE, de haver redução da carga fiscal. Não antevê uma descida acentuada que pese no bolso dos consumidores.

Não há margem para baixar nos 15% das empresas?

A maior parte [dos 15%] corresponde a custos reais: de armazenagem, reservas, incorporação dos biocombustíveis, etc... O que sobra são muito poucos céntimos por lucro. Mesmo que eliminássemos esse lucro, estávamos sempre a falar em muito poucos céntimos por litro [cerca de 5 ou 6 céntimos]. ■

negócios

negocios.pt

Terça-feira, 25 de Setembro de 2018 | Diário | Ano XVI | N.º 3838 | € 2,50
Director **André Veríssimo** | Director adjunto **Celso Filipe**

Baixa de Lisboa deixa de ter bancos

Alta do imobiliário é vista pela banca como uma oportunidade para vender e concentrar os seus serviços.

PRIMEIRA LINHA 4 a 7



Pedro Catarino

Depósitos

Fundo de garantia perde 3 milhões no BdP. Faz sentido?

ECONOMIA 10

Tecnologia

Amazon escolhe WeDo para parceria na venda de software

HOME PAGE 2

Negócios é Portugal

Famalicão exporta com sotaque alemão



Pneus agrícolas são a nova coqueluche da Continental Mabor.



A Riopelle tem 91 anos e é a quarta maior exportadora do concelho.

SUPLEMENTO



Com o apoio:
Santander

“Preço elevado do petróleo não é uma coisa negativa”



António Comprido, secretário-geral da Apetro, afirma que se o preço do petróleo for mais alto as energias renováveis beneficiam porque ganham competitividade.

Barril acima de 80 dólares pode ficar ainda mais caro

EMPRESAS 14 e 15 e MERCADOS 21

Há menos de mil portugueses com contrato de teletrabalho

Número tem vindo a cair desde 2010, o primeiro após o lançamento do novo regime. Empresas privilegiam presença física do trabalhador.

ECONOMIA 8 e 9

Energia

Brasil dá a primeira luz verde à oferta dos chineses sobre a EDP

EMPRESAS 16

Publicidade

edp.com

Há 11 anos nos Índices de Sustentabilidade Dow Jones.

MEMBER OF
Dow Jones Sustainability Indices
In Collaboration with RobecoSAM